



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 6 – Informação, Educação e Trabalho

BIBLIOTERAPIA APLICADA COM ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UFSC: UMA VIVÊNCIA TERAPÊUTICA COM HISTÓRIAS

Bibliotherapy applied within librarianship's students from UFSC: a therapeutic experience with stories

Carla Sousa¹, Clarice Fortkamp Caldin²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Introduz o conceito de Biblioterapia. Relata uma vivência com Biblioterapia aplicada com estudantes de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. A experiência teve por objetivo geral apresentar aos estudantes o que é a Biblioterapia, e como objetivos específicos, oferecer um momento de pausa e reflexão a partir da Biblioterapia e verificar os benefícios da leitura terapêutica. Este relato se baseia na fala dos próprios participantes e nas impressões da mediadora dos encontros. Conclui que os objetivos propostos foram alcançados e destaca a importância de estudantes e profissionais da área de Biblioteconomia conhecerem a prática biblioterapêutica.

Palavras-chave: Biblioterapia. Leitura terapêutica. Atividade biblioterapêutica. Vivência. Relato de experiência.

Abstract: *Introduces the concept of bibliotherapy. Reports an experience with bibliotherapy applied within librarianship students from Federal University of Santa Catarina. The experience had a general objective to present to the students what is bibliotherapy, and specific objectives, offering a moment of pause and reflection and verify the benefits of therapeutic reading. This report is based on the speech of the participants themselves and the impressions of the mediator of the meetings.*

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC)

2 Doutora em Literatura e docente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC)

Concludes that the proposed objectives were achieved and emphasizes the importance of students and professionals of librarianship know the bibliotherapeutic practice.

Keywords: *Bibliotherapy. Therapeutic reading. Bibliotherapeutic activity. Experience. Experience report.*

1 INTRODUÇÃO

A Biblioterapia configura-se como um campo de estudo interdisciplinar dentro da Ciência da Informação com um viés humano e social. Nesse sentido, preocupa-se com o ser humano e confere lugar de destaque às histórias no cuidado e na busca do equilíbrio de leitores, ouvintes ou espectadores.

As pesquisas sobre Biblioterapia podem ser encontradas tanto na área da Ciência da Informação, especificamente na Biblioteconomia, quanto na Psicologia. Esta última se dedica à Biblioterapia Clínica, aplicada em consultórios por psicólogos com a finalidade de resolver problemas biopsicossociais. Já os profissionais da Biblioteconomia se voltam para a Biblioterapia de Desenvolvimento, que tem como finalidade desenvolver aspectos variados dos seres humanos: “que vão do conhecimento de si mesmo ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas tais como a cidadania, cognição, memória, afetividade, etc” (WITTER, 2004, p.181).

Por mais que seja um campo de atuação de bibliotecários, a Biblioterapia ainda é pouco conhecida no meio, principalmente entre os estudantes de Biblioteconomia. Pensando em difundir essa prática e vivenciar um momento terapêutico a partir das histórias, um pequeno grupo de estudantes da quinta fase do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) se submeteu a uma experiência de prática biblioterapêutica.

O objetivo principal desta vivência foi: apresentar aos estudantes o que é a Biblioterapia e, como objetivos específicos destacam-se: oferecer um momento de pausa e reflexão a partir da Biblioterapia e verificar os benefícios da leitura terapêutica.

Neste artigo, descreve-se essa experiência a partir da fala dos próprios participantes e das impressões da mediadora dos encontros e aplicadora da Biblioterapia. Mas antes do relato propriamente dito, segue uma breve revisão de literatura a fim de definir o que vem a ser a Biblioterapia e delinear algumas das suas características.

2 BIBLIOTERAPIA: CUIDANDO DO SER POR MEIO DAS HISTÓRIAS

A palavra Biblioterapia pode ser encontrada nos dicionários de língua portuguesa. No entanto, esse nem sempre é o melhor caminho para conhecer o que realmente vem a ser a Biblioterapia.

De acordo com Houaiss (2009, p.284), Biblioterapia é o “emprego de livros e de sua leitura no tratamento de distúrbios nervosos”, ou ainda, pode significar “tratamento de livros avariados por insetos ou por outros fatores”. Essas duas definições são bons exemplos para falar do que não é Biblioterapia.

A Biblioterapia, a partir do referencial teórico utilizado neste artigo, não trata distúrbios mentais e nem trata livros. A terapia por meio da leitura trata o Ser. E enquanto “terapia por meio de livro” (OUAKNIN, 1996, p.11), ou cuidado através das histórias, sejam elas lidas, narradas ou dramatizadas (CALDIN, 2010), a Biblioterapia se volta para o ser humano no sentido integral. Como esclarece Caldin (2010, p.58):

Ao aceitar o ser como um todo, acredita-se que os elementos emocional, mental, espiritual e físico de cada pessoa não podem ser separados, pois formam um sistema. Nesse sentido, a Biblioterapia se configura como uma abordagem holística, quer dizer, não necessita de uma visão especializada, mas de uma visão humana que se importe com a pessoa.

Pois bem, dito o que é e o que não é Biblioterapia, este termo, ou esta palavra – apesar de estar inserida, ainda que erroneamente nos dicionários de língua portuguesa - ainda causa certo estranhamento em algumas pessoas. No entanto, a prática não é uma novidade. Como afirma Ouaknin (1996, p.27): “quanto mais longe remontarmos na história, mais encontraremos esta intuição da virtude terapêutica do livro e da narrativa”.

O potencial terapêutico da leitura é conhecido e compartilhado desde a Antiguidade, período em que as bibliotecas eram consideradas espaços sagrados. Certamente, essa 'intuição terapêutica' da leitura e da narração de histórias apontada por Ouaknin (1996) talvez tenha motivado as famosas inscrições “Remédios para a alma” colocada no frontispício da biblioteca do faraó Ramsés II no Egito antigo e “Tesouro dos remédios da alma”, na abadia de São Gall, na Idade Média (ALVES, 1982, p.55).

As histórias, desde sempre, vêm servindo à humanidade como verdadeiros “bálsamos medicinais” (ESTÉS, 2014, p.29). “Apesar de algumas pessoas usarem as histórias somente

para diversão, no seu sentido mais antigo as histórias são uma arte medicinal”, afirma Estés (2014, p.516).

Segundo Ouaknin (1996, p.34), as histórias ajudam as pessoas a nomear, a “passar do sensível ao inteligível”. E desta forma tornam a vida um pouco mais leve. E em cada encontro com uma nova história a pessoa vai abrindo possibilidades de se reinventar. “A Biblioterapia funda-se em uma prática de leitura que permite ao homem ir ao mais profundo de si mesmo e se inventar a cada vez de maneira diferente” (OUAKNIN, 1996, p.197).

Talvez um dos primeiros registros deste tipo de terapia tenha sido As Mil e Uma Noites. Noite após noite, Xerazade contou histórias ao rei Xeriar a fim de livrar-se da morte. A cada novo dia, um novo conto. Uma nova dose de medicina para a alma daquele rei amargo, que poupou a vida da jovem em troca do bálsamo das suas palavras doces, da sua voz suave e da sua presença serena.

O simples ato de ler textos ficcionais, ou ouvir histórias (como aconteceu com o rei Xeriar), possibilita um bem estar que transcende o corpo físico. Isso ocorre porque a leitura de ficção, segundo Caldin (2010), aciona processos mentais conscientes e inconscientes no leitor, dentre eles: a catarse, a identificação e a introspecção.

Se o envolvimento com a história produzir a catarse, a identificação ou a introspecção (não necessariamente concomitante ou sucedâneas), tal história cumpriu o propósito terapêutico, mesmo que isso não fique visível ou não seja facilmente detectado. De fato, no mais das vezes, apenas o atingido sabe em que medida o texto permitiu-lhe trabalhar as emoções, ativar a imaginação ou fazer uma reflexão (CALDIN, 2010, p. 121).

As emoções provocadas pela leitura, a partir da linguagem própria da literatura, principalmente das metáforas, agem num nível sutil do ser e de forma inconsciente provocam diversas sensações que vão ser repercutidas no corpo físico. Para Caldin (2010, p.114): “há que se possibilitar o balanço dos sentimentos posto que isso irá se refletir no balanço fisiológico, haja vista que o ser é uno”.

Além de utilizar o texto como meio terapêutico, a autora afirma que a Biblioterapia também está alicerçada no relacionamento interpessoal de ajuda e confiança entre os envolvidos no processo terapêutico a partir do texto. “Na Biblioterapia, considera-se a fala cortês, o olhar gentil, o toque carinhoso e o abraço amigo como altamente terapêutico para esse corpo sofrido que é o nosso” (CALDIN, 2010, p. 58). Nessas palavras, é possível visualizar a atitude de Xerazade como um exemplo clássico de prática biblioterapêutica.

Conta-se que na Grécia antiga, no período mitológico, velhas senhoras acompanhavam as crianças que seriam sacrificadas ao Minotauro, em Creta, e lhes contavam histórias para que não pensassem na morte que viria em seguida; além disso, os contos narrados por velhas são abundantes no Ocidente, passando pela Grécia clássica, adentrando no período medieval e se fortalecendo na escritura no século XVII por Charles Perrault – sempre com a intencionalidade de distrair, consolar, prover uma saída do sofrimento (WARNER,1999).

A terapia por meio da leitura, como busca de equilíbrio para o ser, é uma técnica que pode ser aplicada para qualquer público de forma individual ou em grupo. Ela é válida para todas as pessoas tanto para o doente diagnosticado quanto para aquele “que não percebe, de fato, como seu equilíbrio está comprometido, mas sente que lhe falta algo” (CALDIN, 2010, p. 62).

Alguns autores, a exemplo de Ouaknin e Caldin ressaltam a importância do diálogo no processo biblioterapêutico.

Ouaknin (1996, p.20, grifos do autor) apresenta o que ele chama de “biblioterapia hermenêutica”; acrescenta que, “a Biblioterapia se situa na corrente da hermenêutica existencial, que é uma defesa da subjetividade e do direito à *fala falante* de um ‘Eu’, e não à *fala falada* do ‘nós’ da instituição.” Aqui Ouaknin (1996) faz referência a dois filósofos: o alemão Gadamer e o francês Merleau-Ponty.

Ouaknin (1996, p. 188-189) nas considerações acerca da sua *Biblioterapia hermenêutica* destaca um aspecto relevante do pensamento de Gadamer:

A leitura é também e principalmente a consciência subjetiva de um leitor. Desaparece a ingenuidade positivista, objetivista, que consistia em negar a eficácia do preconceito, como se as coisas pudessem falar por si sós, sem nenhuma espécie de intrusão subjetiva! As coisas e os textos só podem falar através de nossos próprios projetos de inteligibilidade. Somente a nossa palavra permite que eles falem.

Caldin (2010, p. 136), valendo-se dos estudos de Merleau-Ponty, afirma: “o diálogo fortalece a intercorporeidade e a intersubjetividade”. No entanto, esse compartilhamento ocorre de forma voluntária ninguém é obrigado a se manifestar, mas caso se sinta à vontade para falar, aí sim: “abre-se o diálogo e dele participa quem sentir o desejo ou a necessidade de partilhar as angústias semelhantes às das personagens ou os sucessos obtidos por estratégias parecidas às das mesmas” (CALDIN, 2010, p. 163).

E é nessa partilha, nesse diálogo, nessa conversa entre mundos distintos que está fundamentada a Biblioterapia. Sendo assim, não dá para considerar o ser, a pessoa que participa de atividades de leitura terapêutica como um sujeito passivo, que não toma parte no

mundo ao seu redor. Logo, é pertinente a utilização do termo interagente para definir a pessoa que se envolve com as atividades de Biblioterapia.

Interagente é um termo que Corrêa (2014) propõe no campo da Biblioteconomia em substituição da palavra usuário. Para a autora, interagente é: “sujeito social e cognitivo que busca informação com vistas a solucionar questões de ordem pessoal, profissional ou acadêmica”; nessa busca ele “conta com o bibliotecário na condução desse processo de forma mais interativa e parceira” (CORRÊA, 2014, p.37).

Na Biblioterapia, o interagente é aquele que participa de atividades biblioterapêuticas dentro ou fora de uma biblioteca, seja em grupo ou individualmente, e que se coloca no processo de forma ativa, abrindo-se para o diálogo. É possível identificar alguns níveis de interação do indivíduo nos processos de leitura terapêutica. Ele interage tanto com o livro, ou o texto, quanto com aqueles que compartilham das atividades.

Além do aspecto da interação na Biblioterapia também vale salientar a natureza interdisciplinar deste campo, tanto em termos teóricos quanto na prática propriamente dita. A teoria que embasa a Biblioterapia advém de áreas como a Psicologia, Filosofia, Educação, Literatura e Ciência da Informação.

Na atividade prática é possível identificar a atuação de diversos profissionais em parceria. Em se tratando da Biblioterapia de Desenvolvimento, além dos bibliotecários, atuam pedagogos, professores e psicólogos educacionais, como cita Witter (2004). Para a autora, “o trabalho interdisciplinar não é apenas uma solução, é uma recomendação no contexto da biblioterapia” (WITTER, 2004, p. 196).

Na visão de Bentes Pinto (2005, p.39, 40) a Biblioterapia admite a atuação do “bibliotecário com formação terapêutica, o psicólogo, o psicoterapeuta, o psiquiatra, ou ainda o bibliotecário em uma atividade conjunta com estes profissionais”, tal ponto de vista parte da compreensão da leitura terapêutica apenas “como coadjuvante no tratamento de doenças físicas ou mentais”. A autora enfatiza que a biblioterapia é um campo de atuação do bibliotecário, mas para tanto, o profissional “necessita de conhecimentos do terreno da psicoterapia” (BENTES PINTO, 2005, p.44).

Nesse contexto, é imprescindível o trabalho conjunto com profissionais de saúde, especialmente quando a prática é desenvolvida em instituições como hospitais e clínicas, que vem aparecendo como uma tendência das atividades biblioterapêuticas no Brasil. No entanto, essa orientação não se aplica a outros contextos que envolvem indivíduos sem nenhum problema físico ou mental diagnosticado. Mas, a premissa de ser uma prática interdisciplinar será sempre válida independente do ambiente onde a prática é desenvolvida.

Quando a atividade é realizada num abrigo de crianças ou asilo o bibliotecário faz a seleção do material e conduz a atividade em parceria com os demais profissionais da instituição, dentre eles os assistentes sociais, psicólogos e cuidadores, pois são eles que terão as informações sobre o público-alvo, suas preferências e particularidades. No contexto educacional, seja voltado para crianças, jovens ou adultos, dentro de uma escola ou na biblioteca, o bibliotecário pode atuar em parceria com professores e pedagogos, por exemplo, para poder traçar um objetivo e dar um direcionamento à prática.

A discussão sobre o papel do bibliotecário no desenvolvimento da Biblioterapia, seja de forma isolada ou num trabalho conjunto com outros profissionais, é recorrente. Muito se discute sobre a competência deste profissional ao lidar com o outro numa perspectiva terapêutica. Mas, vale lembrar, que o conceito de terapia é entendido aqui como o cuidado com o ser em sua totalidade a partir das histórias lidas, narradas ou dramatizadas. Sendo assim, as habilidades necessárias para desenvolver esse tipo de atividade são descritas por Caldin (2010, p.44) da seguinte forma:

O bibliotecário que pretende desenvolver atividades de biblioterapia deve, antes de tudo, nutrir interesse pelo aspecto humano da profissão, esquecendo-se nesses momentos, dos serviços técnicos para os quais também se preparou na Graduação. É indispensável demonstrar empatia, interesse e preocupação com o bem-estar do outro, saber escutar os problemas alheios e ser flexível no programa de atividades que planejou a fim de contemplar os gostos de todos os envolvidos no programa. Estabilidade emocional, boa saúde física, bom caráter, domínios de textos literários e embasamento teórico são pré-requisitos para o aplicador de biblioterapia, que em momento algum se intitula terapeuta.

Diante de todas as discussões acerca da atuação do bibliotecário em atividades de biblioterapia se faz necessário levantar a questão sobre a difusão dessa prática nos cursos de graduação de Biblioteconomia. Segundo Silva e Pinheiro (2008, p. 2): “é notória a existência de um número reduzido de Cursos de Biblioteconomia que oferecem formação adequada às competências exigidas para o bibliotecário desenvolver práticas biblioterapêuticas”; e acrescentam que, “apesar de a Biblioterapia ser uma atividade exercida por equipes multidisciplinares, a participação do bibliotecário nessas equipes é escassa”.

Um caso particular é o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina que oferece a disciplina de Biblioterapia em caráter optativo uma vez por ano. Por não fazer parte do quadro de disciplinas obrigatórias do curso, muitos graduandos terminam a sua formação acadêmica sem ter contato com a teoria e a prática biblioterapêutica. Foi com

base no interesse de uma estudante da quinta fase do curso de Biblioteconomia desta universidade que foi pensada a vivência que será apresentada a seguir.

Antes do relato desta experiência biblioterapêutica, dedico a próxima seção à descrição dos procedimentos metodológicos utilizados na execução das vivências em Biblioterapia realizadas com estudantes de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A proposta desta vivência surgiu a partir da angústia da aluna da quinta fase do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, Rosane Pinto. A estudante tinha o desejo de conhecer a Biblioterapia e ao mesmo tempo experimentar uma atividade biblioterapêutica em companhia de alguns colegas que estavam vivenciando um momento de forte tensão por conta das exigências acadêmicas. Desta forma, entrou em contato com a docente que ministra a disciplina de Biblioterapia na mesma universidade e esta mediou o contato entre a sua mestranda e aplicadora da Biblioterapia e os estudantes de graduação.

Depois desse primeiro contato foram organizados quatro encontros ao longo do mês de junho de 2016 que ocorreram na sala da direção da biblioteca setorial do Centro de Educação (CED) da mesma universidade. Participaram dos encontros cinco estudantes voluntários, sendo três mulheres e dois homens. Vale ressaltar que apesar de estarem cursando Biblioteconomia há mais de dois anos, quatro dos cinco estudantes até então não tinham ouvido falar em Biblioterapia.

Cada encontro iniciava com um relaxamento seguido da narração de uma história e finalizava com a fala dos estudantes compartilhando pensamentos e emoções suscitados a partir do texto. Ao final dos quatro encontros, os participantes responderam a um questionário com as seguintes perguntas:

- a) Qual foi a história mais marcante para você? Por quê?
- b) Durante os encontros como você se sentiu?
- c) Você acredita que a leitura tem capacidade de auxiliar como um método terapêutico? Por quê?
- d) Em poucas palavras, como você descreveria essa experiência de Biblioterapia?
- e) Na sua opinião, a Biblioterapia deve estar disponibilizada para todos os alunos do curso de Biblioteconomia? Por quê?

A preparação da atividade começou a partir da escolha dos textos que conduziriam os encontros. Na prática biblioterapêutica o cuidado com a escolha dos textos é imprescindível. Segundo Caldin (2010, p.118) é preciso buscar “histórias, contos e poesias com possibilidades terapêuticas, que expressem conteúdo de ficção gostosos de se ler, textos com lacunas a ser preenchidas pela imaginação e emoções dos leitores, ouvintes ou espectadores”, em resumo: “aqueles textos de fruição que proporcionem a passagem da fala falada à fala falante”.

Levando em conta tais aspectos, foram escolhidos os seguintes textos para os encontros: A arte de ser feliz, de Cecília Meireles; A moça tecelã, de Marina Colassanti; O louco, de Khalil Gibran; e, Passarinho, de Gabriela Amorim. Em cada encontro as histórias foram narradas após uma breve sessão de alongamentos e relaxamento, afinal o corpo também participa das práticas biblioterapêuticas e é preciso prepará-lo para que a história possa tocar e fazer sentido para aquele ser.

Além do cuidado na escolha dos textos, a condução dos encontros biblioterapêuticos sempre requer uma atenção especial, principalmente na mediação dos diálogos que se seguem após a narrativa. Na posição do aplicador da Biblioterapia é preciso ter a habilidade de ouvir, de administrar a fala dos participantes e o tempo de cada um, de respeitar os sentimentos do outro e os seus receios (CALDIN, 2010).

Vale salientar que a grande preocupação do mediador da leitura terapêutica deve ser “com o bem-estar do ser total, com o fortalecimento dos fatores formadores de equilíbrio e com a eliminação das perturbações”; pois, “quem lê em voz alta para o outro, conta ou dramatiza uma história, presta, de fato, um serviço a esse outro”, e contribui, em outras palavras, para “a melhoria da relação eu-mundo” (CALDIN, 2010, p.61).

A seguir, relata-se um pouco da vivência com os estudantes de Biblioteconomia da UFSC, apresenta-se as histórias e as impressões suscitadas a partir dos textos enfatizando os elementos biblioterapêuticos tais como: a catarse, a identificação e a introspecção. Além disso, destaca-se a interação e o diálogo como características fundamentais da vivência terapêutica por meio das histórias. Por último, suscita-se algumas reflexões acerca do tema Biblioterapia na formação de futuros bibliotecários tanto enquanto profissionais quanto seres humanos.

4 RELATOS DE VIVÊNCIA EM BIBLIOTERAPIA COM ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

“Houve um tempo em que minha janela se abria sobre uma cidade que parecia ser feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco. Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto” (MEIRELES, 2001, p.21). Assim inicia a prosa poética A arte de ser feliz, de Cecília Meireles. Esse foi o texto narrado no primeiro encontro. Neste dia, os estudantes estavam um tanto apreensivos sem saber exatamente o que iria acontecer na tal vivência de Biblioterapia. Mas de olhos fechados, atenderam ao convite de mergulhar na história. E a narrativa segue:

Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde,
e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas.
Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse.
E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam
de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.
Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.
Outras vezes encontro nuvens espessas.
Avisto crianças que vão para a escola.
Pardais que pulam pelo muro.
Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.
Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.
Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega.
Às vezes, um galo canta.
Às vezes, um avião passa.
Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino.
E eu me sinto completamente feliz.
Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas,
que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem,
outros que só existem diante das minhas janelas, e outros,
finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim
(MEIRELES, 2001, p.21)

Em seguida, de olhos abertos, se percebendo de volta no espaço do encontro é hora de compartilhar alguma impressão ou sentimento suscitados pelo texto: *“Eu me senti como as borboletas da história” / “Foi como se eu estivesse na janela observando” / “Eu também fiquei como se estivesse de longe vendo toda a cena se desenrolar”*. Essas foram algumas das falas dos interagentes deste primeiro encontro, que exemplifica bem o elemento de identificação presente nas histórias, um aspecto inconsciente que age de forma terapêutica na medida que possibilita que o ouvinte da narrativa vivencie a própria personagem.

[...] para a biblioterapia, a apropriação das características das personagens ficcionais não é apenas uma válvula de escape para enfrentar as adversidades

da vida; é também uma maneira sedutora de vivenciar situações novas, estimulantes; de incorporar, à realidade cotidiana, uma outra realidade – mais rica, mais charmosa e atrativa (CALDIN, 2010, p.165).

Para um dos interagentes dos encontros, o poema de Cecília Meireles foi o texto mais marcante: *“pois as borboletas voando junto com o espaço onde foi feita a Biblioterapia levou a imaginação a fluir”*. Daí, a importância da escolha do espaço onde serão realizados os encontros. Na sala da direção da biblioteca do CED, tinham dois singelos quadros com imagens de natureza que, de acordo com a observação feita por um dos participantes, combinou com a história e com o momento.

O ambiente para as atividades biblioterapêuticas precisa ser acolhedor. O espaço pode ser qualquer um, mas deve ser preparado para o momento, longe de barulho e de grande movimentação. Nesse sentido, a biblioteca é um espaço propício, seja numa sala reservada ou num canto de estudo coletivo onde seja possível a interação entre os participantes.

No segundo encontro, já familiarizados com a prática os participantes chegaram cedo e arrumaram as cadeiras em círculo. Neste dia, eles receberam A moça tecelã, conto de Marina Colassanti, que narra o cotidiano de uma jovem que passava a vida tecendo seus dias. Acordava ainda no escuro e logo escolhia linhas claras para começar o dia, e o sol ia surgindo no horizonte. “Assim, jogando a lançadeira de um lado para o outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias. Nada lhe faltava. [...] Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer” (COLASSANTI, 2004, p.60).

Mas, certo dia a moça começou a se sentir triste e sozinha e então, teve a ideia de tecer alguém para lhe fazer companhia. Nessa ânsia de querer dividir os seus dias com outra pessoa ela caprichou nas cores e nas formas de seu companheiro. Desejo realizado, durante algum tempo a moça foi feliz ao lado do marido. Mas este descobriu o poder do tear e começou a exigir que a esposa desse forma aos seus caprichos. Primeiro uma casa melhor, depois um palácio, com criados, muitos cômodos, cavalos, jardins e tesouros.

“E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo” (COLASSANTI, 2004, p.63). Não esperou muito, e começou a destecer aquele imenso tecido até voltar ao tempo em que se encontrava novamente sozinha em sua pequena casa. “Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte” (COLASSANTI, 2004, p.63). E assim termina a história da moça tecelã.

Finalizada a narrativa e aberto o diálogo, a reação dos participantes foi unânime: todos se sentiram a própria moça tecelã. Sentiram as angústias e o alívio da jovem ao final da história. Essa leveza que a narrativa propicia com o final feliz provoca nos ouvintes um elemento catártico, moderador das emoções, que está fortemente aliado à identificação com a personagem.

Como afirma Caldin (2010, p.149):

Pautada no balanço indispensável ao ser são, as histórias lidas, narradas ou dramatizadas tem uma estrutura que permite a passagem do desequilíbrio (em que há luta, conflito) ao equilíbrio (com o final feliz). Nesse sentido, a identificação com as personagens possui caráter catártico.

Além de conduzir à catarse e à identificação, A moça tecelã é uma história que convida à reflexão. Após a leitura do texto alguns participantes compartilharam algumas falas e um deles fez uma análise bem profunda sobre a história de Marina Colassanti. Para ele, o tecido que a moça vai tecendo não passa dos próprios pensamentos da personagem, até que ela mesma se dá conta de como a sua imaginação foi longe e então, começa a desconstruir tudo, até voltar ao ponto de partida. Com essa análise, o estudante chega à seguinte conclusão: *“nossos pensamentos criam a nossa realidade”*.

Tais reflexões são construídas a partir do processo de introspecção possibilitado a partir da história. Este conto, especificamente, faz com que a pessoa reflita sobre suas próprias escolhas e desejos, como relata uma das participantes a partir da resposta fornecida no questionário. Para ela, todas as histórias foram marcantes, mas A moça tecelã, a fez mergulhar dentro dela mesma: *“e pude contemplar os quadros que teci na minha vida, muitos momentos especiais e inesquecíveis, muitos sorrisos e dias iluminados ficaram registrados na alma”*, e prossegue a reflexão: *“mas também, houve momentos onde nuvens pesadas e temporais fortes cobriram alguns dias de minha vida...”*, e conclui: *“posso dizer que dos quadros que teci na vida, apenas alguns desfaria, para tecer novamente de forma diferente com o intuito de torna-lo especial”*.

Se A moça tecelã conseguiu provocar a identificação dos interagentes com a personagem principal, o texto O louco, de Khalil Gibran, lido no terceiro encontro teve o grande mérito de despertar muitos questionamentos no grupo e conduzir ao estado de introspecção. Neste dia, foi grande a interação entre os estudantes. Para entender melhor o

efeito provocado, segue o texto na íntegra, texto curto, “*porém muito profundo*”, como definiu uma das participantes.

Perguntais-me como me tornei louco. Aconteceu assim:

Um dia, muito tempo antes de muitos deuses terem nascido, despertei de um sono profundo e notei que todas as minhas máscaras tinham sido roubadas – as sete máscaras que eu havia confeccionado e usado em sete vidas – e corri sem máscara pelas ruas cheias de gente gritando: “Ladrões, ladrões, malditos ladrões!”

Homens e mulheres riram de mim e alguns correram para casa, com medo de mim.

E quando cheguei à praça do mercado, um garoto trepado no telhado de uma casa gritou: “É um louco!” Olhei para cima, para vê-lo. O sol beijou pela primeira vez minha face nua.

Pela primeira vez, o sol beijava minha face nua, e minha alma inflamou-se de amor pelo sol, e não desejei mais minhas máscaras. E, como num transe, gritei: “Benditos, benditos os ladrões que roubaram minhas máscaras!”

Assim me tornei louco.

E encontrei tanto liberdade como segurança em minha loucura: a liberdade da solidão e a segurança de não ser compreendido, pois aquele que nos compreende escraviza alguma coisa em nós (GIBRAN, 19-- , p. 9-10).

Quatro dos participantes apontaram este texto como o mais marcante. Na opinião deles próprios o pequeno conto de Gibran, marcou porque: “*me fez pensar por quanto tempo devo ter me utilizado de alguma máscara, confesso que me senti envergonhada, porque no espelho da minha alma encontrei inúmeros momentos na vida que me deixei esconder meu rosto numa imagem que não me pertencia*”; e ainda: “*em razão de contrapor os valores já estabelecidos e quem sabe poder pensar no mais além, naquelas coisas que não nos convence mesmo que certo e válido para o mundo*”; para um terceiro participante: “*a história possui a capacidade de desbloquear sentimentos que nos bloqueiam diante de adversidades na vida, ou ajuda no desprendimento de rótulos*”.

É exatamente essa capacidade de fazer pensar, de sentir vergonha, de contrapor a realidade e de desbloquear sentimentos que torna a história de Gibran terapêutica. Logo após a narração, todos os estudantes quiseram interagir e expor seus pensamentos e emoções. Desta forma, acabaram liberando algo que estava preso através da fala, a qual possui reconhecida função terapêutica.

Alguns questionamentos que surgiram a partir de O louco diziam respeito à vida acadêmica, à escolha do curso e a prática dos mesmos enquanto futuros bibliotecários. Refletiram se estavam sendo eles mesmos diante de tantas regras e limitações que a vida acadêmica impõe e se perguntaram se, enquanto profissionais conseguiriam colocar em prática aquilo em que acreditam para além das rotinas técnicas.

Tais perguntas e questionamentos não precisam de uma resposta imediata. Também não precisam, necessariamente, provocar uma mudança de atitude perante o mundo e o outro. Numa atividade biblioterapêutica, é válido o simples fato da história ter feito com que refletissem e que esses pensamentos viessem à tona.

Caldin (2010, p.174) salienta que “a decisão de mudança ou não de comportamento é posterior à história, às vezes vários dias, pois o sujeito fica como que digerindo o que acabou de constatar”, mas há casos em que o interagente tem a necessidade de “expor ao grupo o que sente (vergonha, desconforto) – até como uma purgação” e esse diálogo é altamente terapêutico; “não é uma sessão de análise, bem entendido. É antes uma demonstração de confiança no grupo, um abrir os corações aos que se considera amigos – uma catarse, enfim”.

Para concluir a prática de Biblioterapia com os estudantes o último encontro foi embalado pela história Passarinho, da jovem escritora Gabriela Amorim, texto que fala “sobre o voo dos pássaros e as prisões do coração” (AMORIM, 2014, p.1).

O conto começa com o despertar de um sonho e a lembrança trazida pela personagem: “sonhou com o dia em que um passarinho doentinho aparecera na varanda da casa de sua infância”; correu para chamar a mãe, pois “afinal, só uma mãe tem o poder de curar certas coisas”; ficou observando os cuidados da mãe e logo o passarinho estava dando passinhos e ameaçando voar, o que a deixou inquieta com a possibilidade dele ir embora; a mãe explicou que lugar de pássaro era no céu e disse: “Amá-lo, minha filha, é deixar que ele voe” (AMORIM, 2014, p.1). A partir daí a história segue:

Naquele dia, acordou com essa frase ainda orvalhada nos ouvidos. Amar é deixar que ele voe. O coração sobressaltou-se no susto de rever a verdade. Saltou da cama e foi arrumar-se. Era domingo e não havia compromissos urgentes, senão resolver-se com aquele sonho que se intrometera de repente na manhã ensolarada. Foi para a rua em busca de ar. Estava inquieta havia dias, por isso não conseguia ficar em casa por muito tempo. Para pensar, era preciso andar.

Os pombos da praça a fizeram lembrar de uma tarde já longínqua, em que passeava espantando os pombos do centro da cidade adormecido no domingo. Comprou pipoca e foi para a praça alimentar os pássaros. Ficou longos minutos absorta jogando pipocas aos pombos e recordando sentimentos antigos e doloridos. Não reparou a hora em que aquela velha figura estranha sentara-se ao seu lado. A mulher enrugadíssima puxou um pedaço velho de pão de dentro de uma sacola de plástico e disse, como se não esperasse ser ouvida: – Não gosto dos pombos. Eles sabem voar alto, mas preferem comer as migalhas sujas do chão – e então pôs-se a jogar pedacinhos de pão para os pássaros. Ela ficou intrigada e um pouco assustada com tudo aquilo: – Então porque está alimentando-os? – questionou intrigada. – Porque tenho pena dos pobrezinhos...

As duas silenciaram a conversa. Não havia mais o que ser dito. Ela ficou absorta por alguns instantes olhando a velha alimentar os pombos, enquanto tentava escutar direito aquela conversa. Ouvir de dentro pra fora. De repente, assustou-se com um vento assobiando em seus ouvidos e levantou de um salto. Voltou a caminhar a esmo, esperando que as coisas se resolvem-se por si mesmas (AMORIM, 2014, p.1).

A história prossegue e no meio do seu passeio de domingo a personagem encontra um menino vendendo um passarinho preso numa gaiola. Ela percebe que o pássaro está triste e o menino responde que é por isso que está vendendo-o: para que alguém o solte. Na conversa a personagem resolve comprar o passarinho. Pagou e tirou-o da gaiola com as duas mãos: “Ficou segurando-o na concha das mãos fechadas. Sentia o coraçãozinho batendo leve, e arrepiava-se toda de ter a vida guardada bem junto a si. Queria guardar aquele bater de coração para sempre em si, mas não sabia como fazer isso”. Nesse instante, o menino percebendo a hesitação dela em soltar o animal diz que se não for para soltá-lo que o devolva, pois: “passarinho é coisa feita pra céu e não pra prisão” (AMORIM, 2014, p.1). Por fim, ela solta o passarinho e o menino sai correndo, rindo, dizendo que ela havia feito um ótimo negócio.

De todas as histórias lidas nos encontros, esta última foi a que deixou os participantes em maior silêncio. Interagiram pouco. Não quiseram compartilhar muito com o grupo. No questionário, a participante que apontou todas as histórias como marcantes declarou:

“Passarinho foi uma história que desde o início me deixou apreensiva e angustiada, talvez porque na vida às vezes nos deixamos ser como pássaros engaiolados por culpa de nossas atitudes, só conseguimos voar quando nos desprendemos de tudo que nos faz mal, ai seremos livres para recomeçar um novo destino”.

Nos encontros biblioterapêuticos tudo é permitido, inclusive o silêncio. “Grande fruição do leitor, esse silêncio depois da leitura”, afirma Pennac (2011, p.18). Tal afirmação também pode ser transposta para as narrativas de histórias, após ouvir uma narração o texto tem a possibilidade de provocar a introspecção e com isso a fruição ocorre em um nível interno.

Parafraseando Pennac (2011, p.75) na afirmativa de que “aquilo que lemos, calamos” é possível dizer que aquilo que ouvimos, calamos: “Seja porque não vemos nisso assunto para discussão, seja porque, antes de podermos dizer alguma coisa, precisamos deixar o tempo fazer seu delicioso trabalho de destilação. E este silêncio é a garantia de nossa intimidade”. Por isso, não é preciso pedir contas do silêncio do ouvinte num encontro biblioterapêutico.

Mas é, sobretudo, na troca, no compartilhamento e na interação que o efeito terapêutico das histórias pode ser expandido. Pelas declarações dadas por alguns participantes no questionário o aspecto da interação esteve muito presente durante os encontros: *“foram momentos para pararmos, respirarmos, conversar e trocar figurinhas das nossas interpretações de vida e dos textos”.*

Nessa pausa, nesse intervalo do corre-corre cotidiano a conversa versou sobre outros temas que não os trabalhos acadêmicos, as notas e os professores. Sem dúvida, a vivência biblioterapêutica contribuiu para que os colegas se conhecessem melhor, num outro ambiente, num outro contexto, mesmo estando dentro da universidade.

Sobre o aspecto da interação e da importância do contato com o outro, Capalbo (apud Caldin, 2010, p.28,29) afirma que “viver é conviver”, e nesse convívio a palavra é um elemento fundamental “de abertura de um horizonte de compreensão e interpretação pela mediação da linguagem”.

Dito isso, Caldin (2010, p. 15-16) reforça que por meio da linguagem e da fala compartilhada “os pensamentos que se achavam adormecidos, despertados pela biblioterapia, ganham corpo na palavra e permitem a percepção do outro, conduzindo à certeza de que não

estamos sozinhos no mundo da vida”, e com isso: “temos a capacidade de vencer obstáculos reais ou imaginários, posto que dispomos de parceiros para tal enfrentamento”.

Ouaknin (1996, p.15, grifo do autor) concorda com a afirmativa de Caldin e enfatiza a importância da fala e da interação: “é sempre a *nossa* palavra que é o movimento e o sopro de nossa vida. Mas acontece com frequência que a palavra do outro ativa o nosso universo psíquico e nos transmite emoções que sentimos em nós mesmos”. Sendo assim, o diálogo é um elemento importante numa vivência biblioterapêutica, em alguns momentos ele pode não ocorrer, no entanto, esse acontecimento será sentido de forma benéfica pelo grupo.

Nessa vivência com histórias os estudantes conseguiram sentir na prática os efeitos da Biblioterapia. Quando se fala em Biblioterapia, ou em qualquer outro tipo de terapia que de alguma forma visa cuidar do ser, o objetivo a que a prática se propõe é trazer de volta o equilíbrio perdido, balancear as emoções e com isso restabelecer a harmonia. Para Ouaknin (1996, p.20): “cuidar do ser é cuidar do tempo, de sua inscrição justa e harmoniosa na temporalidade da existência, tensionada entre a memória e a esperança, entre o que somos, o que fomos e o que podemos ser”.

Mesmo sem terem tido contato anterior com a Biblioterapia, seja empírica ou teoricamente, todos os participantes desta vivência relataram o equilíbrio e o bem-estar como alguns dos benefícios sentidos após os encontros.

Na prática, eles conseguiram entender e sentir os efeitos desejados de uma vivência terapêutica com histórias, como relatado nos depoimentos a seguir: “*a prática te causa equilíbrio e leveza para tratar assuntos que antes pareciam difíceis*” / “*a leitura atua na mente e soa em nossos ouvidos, como se fosse um filme sendo reproduzido, penetrando nos ouvintes, os efeitos de cada cena, fazendo com que as emoções aflorem*” / “*a leitura terapêutica traz tranquilidade, faz você se voltar a você mesma, compreender as coisas de uma forma melhor*” / “*a biblioterapia passa uma tranquilidade e equilíbrio para o melhor entendimento de si como ser humano e como um todo*” / “*Foi um breve respirar, porém o suficiente para acender um fio de esperança em dias turbulentos*”.

Na opinião dos estudantes a Biblioterapia deveria estar disponível para todos do curso de Biblioteconomia enquanto disciplina obrigatória e até mesmo, deveria estar “*vinculada com a rotina acadêmica*”. Segundo um dos participantes a prática possibilita “*o acesso à criatividade em áreas pouco trabalhadas do nosso cérebro devido à sobrecarga de trabalho e estudo*”. E ainda: “*a biblioterapia me parece ser uma das faces da biblioteconomia com um papel social e de autoconhecimento, fatores indispensáveis para um profissional*

competente”. Para um dos participantes: *“os encontros me proporcionaram uma visão totalmente diferente da biblioteconomia e uma paz interior que há muito não sentia”*.

A partir da experiência vivida ao longo dos quatro encontros os estudantes perceberam a simplicidade e a relevância da Biblioterapia o que levou um dos participantes a fazer a seguinte afirmação: *“a biblioterapia é talvez a única atividade dentro do curso de biblioteconomia que só requer a disposição e presença física dos participantes. Depois do primeiro encontro os integrantes podem vivenciar os resultados que na minha opinião são muito importantes por serem relaxantes, reflexivos e até filosóficos”*.

Para concluir este relato, segue um depoimento de um dos participantes que resume em poucas palavras o que é a Biblioterapia: *“Uma atividade surpreendente, renovadora, que todos deveriam conhecer e participar pelo menos numa oportunidade. A Biblioterapia, ou terapia com livros, como palavra não representa o que de fato é, a experiência tem que ser vivida para sabermos do que é feita e o que faz”*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos propostos a partir da atividade biblioterapêutica realizada com os estudantes de Biblioteconomia da UFSC foram alcançados. Com base nos depoimentos foi possível identificar que eles entenderam o que é a Biblioterapia ao mesmo tempo em que vivenciaram um momento de pausa e reflexão e verificaram, na prática, os benefícios da leitura terapêutica.

A partir dos relatos ficou evidente que a Biblioterapia deve ser mais explorada dentro dos cursos de Biblioteconomia. É preciso, no entanto, despertar o interesse dos estudantes a partir de experiências como estas, que mostram na prática o que é a Biblioterapia e quais os seus benefícios.

Além disso, foi possível comprovar que a atividade biblioterapêutica é uma atividade simples, que requer apenas um espaço adequado, um tempo relativamente curto – 20 minutos foram suficientes para os encontros - e pessoas interessadas em participar e fazer acontecer esse momento tão especial. Tanto quem aplica a Biblioterapia, ou modera a atividade, quanto quem participa do grupo de interagentes se beneficia com os efeitos terapêuticos das histórias.

A Biblioterapia é uma das poucas áreas da Ciência da Informação com caráter humano e social e, como demonstrou a vivência, há estudantes, e certamente profissionais, que desconhecem esse tipo de prática. É preciso disseminar melhor a informação sobre o potencial terapêutico das histórias para benefício de todos e para contribuir com uma

sociedade mais saudável a partir de um método simples, barato e eficiente que há milênios vem promovendo o equilíbrio e o bem-estar dos seres humano.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. *Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v, 15, n. ½, p. 54-61, jan./jun. 1982.

AMORIM, Gabriela. **Passarinho**. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/gabrielaamorim/ler.asp?id=158207&titulo=gabrielaamorim>. Acesso em 10 ago. 2015.

BENTES PINTO, Virgínia. A Biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. *Transinformação*, Campinas, n. 17. p. 31-43, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/6286>. Acesso em: 08 jul. 2015.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

COLASSANTI, Marina. A moça tecelã. In: Quintana, Mario et al. **Um fio de prosa**. São Paulo: Global, 2004. p. 59-63.

CORRÊA, Elisa C.D. Usuário, não! Interagente. Proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 23-40, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23/28292>. Acesso em: 02 jun. 2015.

ESTÉS, Clarissa Pinkolas. **Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GIBRAN, Gibran Khalil. **O louco**. [S. l.]: Associação Cultural Internacional Gibran, [19--].

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MEIRELES, Cecília. A arte de ser feliz. In: _____. **Escolha o seu sonho**. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 20-21.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SILVA, W. P.; PINHEIRO, E.G. A face oculta da biblioterapia na biblioteca universitária: os ditos e os não ditos dos bibliotecários da Biblioteca Central da UFPB. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008. Anais eletrônicos... São Paulo: CRUESP, 2008. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3497.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

WARNER, Marina. **Da fera à loira**: sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Leitura e psicologia**. Campinas: Alínea, 2004. Cap. 9, p. 181-198.